



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALESSANDRA ARES

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-396

Entrevistada: Alessandra Ares

Nascimento: 28/10/1992

Local da entrevista: Universidade de Caxias do Sul

Entrevistadora: Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 20/03/2014

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 11 minutos e 11 segundos

Páginas Digitadas: 9

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade* produzida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação no handebol; Atuação; Remuneração no esporte; Benefícios de jogar na equipe; Participações; Funcionamento do treinamento; Bolsa Atleta; Dedicção ao handebol; Esporte em família; Visão do handebol na mídia; Apoio da família; Visibilidade das mulheres no handebol; Agradecimentos finais.

Porto Alegre, 20 de março de 2014. Entrevista com Alessandra Ares a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Alessandra, conte um pouquinho da sua história com Handebol, como foi o seu início?

A.A. – Eu comecei na escola, em Santa Catarina com a Isabel¹, hoje minha colega de quadra. Ela estava passando nas salas perguntando quem estava interessada a fazer escolinha de handebol, eu fui, estava na quinta série, já tinha meus onze anos. A escolinha era toda terça e quinta-feira, coisa leve, uma hora de treino. Quando eu estava mau no colégio meus pais me tiravam: “Oh, se você for mau você vai sair do handebol”. Agora não, agora eu não posso parar por nada na minha vida, agora todo o dia eu tenho que vir se não eles morrem, eles sempre estão aqui também, meus pais são super presentes. Em 2006, eu fiz um peneirão aqui, fiz testes com várias meninas que vem fazer, passei em 2006 e estou até hoje.

S.A. – Só atuou na UCS² então?

A.A. – Sim, comecei aqui.

S.A. – Vive exclusivamente do handebol?

A.A. – Sim.

S.A. – Qual o salário que tu ganha em média?

A.A. – Eu recebo uma ajuda de custo.

S.A. – E tem outros benefícios junto com o salário?

¹ Isabel Spiers.

² Universidade de Caxias do Sul.

A.A. – Têm, eles dão algumas disciplinas na faculdade e o plano de saúde.

S.A. – Já teve o benefício da Bolsa Atleta?

A.A. – Já, 2011 recebemos uma bolsa de novecentos e cinquenta reais por doze meses por ter ganhado a Copa Brasil de Handebol Feminino em 2010.

S.A. – Já foi convocada para a Seleção Brasileira em algum momento?

A.A. – Eu fui inscrita para o Sul Americano, mas era fase de treinamentos, acabei não sendo chamada.

S.A. – Como é que funciona essa fase de treinamento?

A.A. – Eles mandam um cadastro para se escrever, com foto, passaporte, essas coisas. É uma semana de treinamento, mas eu não fui chamada. Foram quase todas as meninas do Brasil cadastradas, então vinte são selecionadas para o treinamento. Aqui do time foi eu, a Laís³, a Dani⁴ e a Manu⁵, que estavam no time ano passado, nenhuma de nós foi chamada para a segunda fase.

S.A. – O que o handebol já lhe trouxe de bens materiais, que você já conseguiu comprar?

A.A. – De bens materiais, [riso], falando bem a verdade nada [riso]. Não sou muito de guardar dinheiro, até me arrependo bastante de não ter guardado a Bolsa Atleta. Nossa, torrei tudo comprando besteira, roupa, nada de mais. Não guarde nada, a meta esse ano é guardar dinheiro [risos].

S.A. – O que é para você ser uma jogadora profissional?

A.A. – Deixa-me pensar. É muito gratificante. Sei lá, é que eu gosto bastante de esporte sabe, daí é legal, não sei.

³ Laís Bordin da Silva.

⁴ Danielle Jóia.

S.A. – Vou reformular a pergunta. Como a Dani⁶ falou muito em esporte amador e esporte profissional, o que é para você o esporte profissional?

A.A. – A responsabilidade, a gente carrega muita responsabilidade nas costas, dentro de quadra principalmente, tem que pensar antes de fazer um passe, antes de arremessar, tem que olhar sempre para o jogo, tem que estar sempre atenta, não pode ter aquele minuto desligado, acho que do amador para o profissional essa é a diferença. Tem uma responsabilidade muito grande em cima disso.

S.A. – Tu te consideras uma atleta profissional?

A.A. – Sim, agora sim. [risos].

S.A. – Agora sim, por quê?

A.A. – Porque eu entrei para o adulto em 2009, nossa eu era muito “cabacinha”⁷, não estava nem aí, não ligava muito para os treinos, não me esforçava, de uns três anos para cá estou me esforçando, valorizando mais. [riso].

S.A. – E como a tua família encarou quando você decidiu ser jogadora de handebol?

A.A. – Então, a minha família foi super tranquila, porque o meu pai foi atleta profissional, ele jogava futsal, ele super me incentiva a treinar, a vir, a fazer esporte, fala comigo todo o dia sobre o handebol, me dá dicas. Até por ele ter sido atleta, me fala muitas coisas. A minha mãe adora, ela era super torcedora do meu pai, agora é minha torcedora, [riso], a fã do time é ela, tá sempre ali gritando. Ela até tem umas madeirinhas que o meu irmão cortou e ela pos uns fios para ficar preso na mão. Nos jogos ela fica batendo aquelas madeirinhas.

S.A. – Que bacana.

⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁶ Daniele Coelho Mateus.

A.A. – Sim.

S.A. – E como é a tua rotina de estudos, vida social, treinamento?

A.A. – Então, agora o estudo é bem puxado, estou com muitas disciplinas nesse semestre, então, eu estudo segunda, terça, quinta e sexta, só na quarta que não, saio da aula venho para o treino. Nas terças eu não faço academia, porque não combina os horários, tenho aula no horário da academia, mas saio correndo da aula e venho para o treino, e vida social só no sábado à noite e no domingo, porque treino no sábado pela manhã. Também malho em outra academia que é perto da minha casa para compensar, já que eu não faço na terça, eu faço todos os dias, de manhã cedo, e só. É bem corrido, bem puxado e quase não dá tempo de estudar, estudo mais na quarta, que é o dia que só treino as oito da noite, então posso estudar o dia inteiro.

S.A. – E como você vê o interesse do público em relação ao handebol feminino?

A.A. – Agora melhorou um pouco, porque as meninas foram campeãs mundiais. Melhorou bastante, até falo: “Eu jogo handebol”. “Ah sim, eu ouvi falar que vocês foram campeãs”. Mas é bem complicado ainda, porque ninguém conhece muito, te falam? “Ah você joga o que?” “Eu jogo handebol”. “O que é?” “Como eu vou explicar, é com mão”. “Tipo futsal?” Não é tipo futsal, é bem diferente. As vezes perguntam: “Você joga vôlei?” “Não, handebol!” Ninguém sabe o que eu jogo, é bem triste essa parte.

S.A. – E agora com essa conquista da Seleção Brasileira, você percebeu alguma mudança no interesse do público com o esporte?

A.A. – Sim, bastante. Pessoas pedem como está sendo agora depois da mudança, até meus familiares estão prestando mais atenção, “Quando tiver jogo avisa para a gente ir vê.” Se passa na televisão, essas coisas, “tá bombando” bastante, graças a Deus, está precisando ser mais divulgado.

⁷ Neste contexto se refere a uma pessoa inexperiente.

S.A. – Qual o teu maior sonho dentro do handebol

A.A. – Dentro handebol? Eu acho que é ser campeã mundial, porque uma medalha daquelas [riso], ir para a Seleção [riso].

S.A. – E a maior frustração? Teve alguma?

A.A. – Eu acho que até hoje não. Nada grande acho que qualquer derrota é uma frustração, bem triste, mas eu acho que meu maior medo é ter uma lesão muito grave e ter que parar. Eu tenho início de hérnia de disco, é bem complicado, alguns exercícios eu tenho que cuidar para não machucar mais, o médico me avisou que se agravar terei que parar totalmente. Isso seria uma grande frustração para mim, ter que largar o handebol de repente.

S.A. – Acredito que não deve ser uma decisão muito fácil. Você vê diferença em relação de interesse do handebol masculino para o feminino, do público, remuneração?

A.A. – Remuneração eu não sei, mas as meninas tem mais visibilidade até porque elas foram campeãs mundiais. Os meninos, eu principalmente não conheço quase nenhum dos guris que estão na Seleção, às meninas a gente já sabe o nome, onde está jogando lá fora, os guris eu não sei praticamente nada, só conheço os goleiros que são de São Paulo, mas acho que as meninas são mais conhecidas.

S.A. – Na tua opinião, o que pode ser feito no Brasil para dar maior visibilidade para o handebol feminino?

A.A. – Eu acho que deveria passar na televisão mais seguida, mais reportagens, ser mais divulgado nas escolas, ter escolinhas para as crianças. Eu comecei assim, eu acho que tem que ter incentivo dos pais, tem pais que não estão nem ai para os filhos, se fazem esporte ou não, e é importante fazer esporte, e acho que é isso.

S.A. – Alguma coisa que eu não perguntei que você gostaria de falar?

A.A. - Deixa-me pensar. Eu sou muito tímida para falar [risos].

S.A. – Em meu nome e em nome do Centro de Memória do Esporte eu agradeço, espero poder colaborar com vocês e muito obrigada.

A.A. – Se precisar de alguma coisa já sabe os meus contatos.

[FINAL DA ENTREVISTA]